

Resumo: ante a pergunta “Internacionalização nas Letras e nas Linguísticas: em que línguas e com que parceiros?”, este artigo discutirá a formação de redes intelectuais (DEVÉS-VALDÉS, 2007; 2014) na comunidade científica dos Estudos Literários, no Brasil, em uma base próxima, didaticamente, à noção de cooperação Sul-Sul. Retomando o conceito de deslocamento, nossa hipótese propõe que, em uma formação de redes intelectuais americanas, nós (cientistas literárias(os), no Brasil) podemos apre(e)nder, com estas parcerias, a necessidade de um giro epistêmico em nossa Teoria Literária possível, incidindo no fortalecimento de nossos eventos acadêmicos, publicações indexadas e convênios interinstitucionais.

Palavras-chave: Redes intelectuais. Violência epistêmica. Problemas modelares. Soluções modelares.

Abstract: to answer a roundtable question, this paper will discuss the formation of intellectual networks (DEVÉS-VALDÉS, 2007; 2014) on Brazilian scientific community of Literary Studies from a conceptual basis in a pathway of South-South Cooperation. Our hypothesis proposes that Brazilian literary scientists we can learn the need of an epistemological turn in a [possible] Literary theory, towards a development of our academic events, papers and interinstitutional agreements.

Keywords: Intellectual networks. Epistemic violence. Model problems. Model solutions.

Desde, ao menos, a segunda metade dos anos 1990, dentro do que podemos acompanhar mediante a constante publicação da *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, se pode observar um avanço em pesquisas, na área de Estudos Literários, construindo redes intelectuais entre Brasil e países americanos ademais dos Estados Unidos, nas quais se mostra possível perceber fluxos interinstitucionais em ambas vias; esta primeira observação implicaria a relevância de uma pesquisa científica a investigar fluxos de produção de conhecimento entre colegas brasileiras(os) e americanas(os)¹, assim como nossa formulação de problemas e soluções modelares de pesquisa, uma vez nutridas(os) de aportes teóricos e metodológicos desde estes países com os quais estabelecemos parcerias². Ao longo de toda esta exposição, identificaremos o termo “realizações científicas universalmente reconhecidas” ao delimitado pelos debates empreendidos por Wander Melo Miranda e Eneida Maria de Souza, em seus respectivos artigos na abertura do número 4 da *Revista Brasileira de Literatura Comparada* (1998). De sua parte, Miranda (1998, p. 11) nos assinalara que

à primeira vista, o aparato de saber mobilizado pela abertura de outra via de discussão [no caso, a ascensão dos Estudos Culturais em nossa comunidade científica, no Brasi] parece redimensionar os limites de interlocução comparativista até a implosão de seus contornos disciplinares, colocando em xeque sua legitimidade institucional. Mas a preplexidade diante da nova situação, que para muitos se traduz pela perda de legitimidade do objeto, é indício menos de uma crise do que a reafirmação, em termos radicais, de que o objeto da

¹ Um estudo desta natureza talvez nos conduzisse a resultados que nos habilitassem a observar e examinar, dos pontos de vista teórico e metodológico, a circulação de pensamento americano entre a comunidade científica dos Estudos Literários, no Brasil, sobretudo nos últimos 30 anos – sem que tal circulação se resuma, absolutamente, a esta amostragem caso pensemos, por exemplo, no intercâmbio acadêmico entre Antonio Candido e Ángel Rama, no início dos anos 1970.

² Ao longo de toda esta exposição, a referência a *problemas modelares* e *soluções modelares* aludirá ao exposto por Thomas Kuhn, ao definir seu conceito de paradigma: “Considero 'paradigmas' as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (KUHN, 1995, p. 13).

Situando a transdisciplinaridade crescente do campo da Literatura Comparada enquanto “reafirmação, em termos radicais” de seu objeto, refutando a uma afirmação segundo a qual esta transdisciplinaridade conduziria à “implosão de seus contornos disciplinares”, Miranda aponta a um processo que nos têm levado, nas últimas três décadas, à estabilização de novos problemas e soluções modelares no interior de nossa comunidade científica³. Tal quadro, de fato, nos pode oferecer uma amostragem de redes intelectuais formadas entre investigadoras(es) de Brasil e de distintos países americanos, mediante levantamentos desde as plataformas Lattes e DGP/CNPq. Cumpre ressaltar, particularmente, como estas redes intelectuais têm resultado na formulação de novos problemas modelares em nossa comunidade científica dos Estudos Literários, no Brasil, de modo a aportar sentido a nossa pergunta norteadora: com que parcerias? E, em adendo: para que(m) servem?

Nossas redes intelectuais vigentes oferecem uma amostra daquilo que Elena Palmero González propõe, em sua formulação a um conceito de deslocamento:

Pensar a noção de deslocamento no âmbito das ciências sociais e, especificamente, na órbita dos estudos da cultura, significa remeter a diferentes formas de mobilidade, física, espiritual, lingüística; a diversas práticas de emigração, exílio, diáspora, êxodos, nomadismos, circulações humanas; é pensar em traslado e em trânsios de todo tipo, em políticas do movimento e em economias da viagem. Entendido como vigência e prática dos sujeitos, o deslocamento é um conceito fundamental nos estudos sobre imaginário e memória cultural. Entendido como metodologia de trabalho, converte-se em um paradigma fundamental para pensar processos culturais. Ou seja, o conceito abarca um amplo universo de significados e de relações, sendo a remissão ao lugar, ou aos neologismos derivados da desconstrução da noção de lugar, o que articula essa ampla rede conceitual (GONZÁLEZ, 2010, p. 109-110)

O deslocamento, assim concebido, abre espaço tanto à base de uma metodologia de pesquisa literária (sobre quais índices de leitura se constroem as interpretações aceitas no seio da comunidade científica) quanto à formulação de problemas modelares (quais perguntas se mostram recorrentes, em nossas interpretações aceitas no seio da comunidade científica) e soluções modelares (a quais respostas se concede um estatuto de interpretações aceitas no seio da comunidade científica) coerentes às investigações científicas em curso, notadamente em perspectiva comparada, a se servir seja da análise do deslocamento nas obras literárias; seja em um exame, de cunho eidético, buscando avançar no conhecimento de como os conceitos em voga deslizam, deslocam, se nutrem de novos sentidos e usos possíveis⁴.

De sua parte, em artigo no volume 11, número 1 da revista *Interfaces Brasil/Canadá*, Zilá Bernd, ao tecer a construção de uma comunidade científica em torno dos Estudos Canadenses, no Brasil, aponta a centralidade de *Confluences littéraires: Brésil/Québec, les bases d’une comparaison*

³ No tocante à Associação Brasileira de Estudos Canadenses, desde a segunda metade dos anos 1990, tais intercâmbios nos levaram à formulação de problemas modelares válidos no campo dos Estudos Literários, assim como no campo dos Estudos Culturais, no Brasil, implicando o diálogo e a circulação de intelectuais canadenses no Brasil, bem como a circulação e mobilidade docente brasileira em universidades canadenses; no tocante à Associação Brasileira de Literatura Comparada, em igual período, tais intercâmbios levaram à formulação de problemas modelares válidos no tocante a perspectivas comparadas entre Brasil e América Latina, bem como à circulação de obras intelectuais latino-americanas tais como as de Antonio Cornejo Polar, Hugo Achugar, Pablo Rocca, Gloria Anzaldúa, Édouard Glissant e, mais recentemente, intelectuais alinháveis a correntes de pensamento descolonial tais como Arturo Escobar, Catherine Walsh, Enrique Dussel, Aníbal Quijano, Nelson Maldonado-Torres e Silvia Rivera Cusicanqui, para citar alguns exemplos.

⁴ Neste deslocamento, na forma de deslizamento semântico de conceitos centrais ao campo dos Estudos Culturais, no Brasil, consiste o mote do *Dicionário de mobilidades culturais* (2010), organizado por Zilá Bernd, e do qual retiramos um excerto do verbete “Deslocamento”, assinado por Elena Palmero González e traduzido por Andréia Alves Pires. Revista, se nos mostra possível observar esta obra de referência, hoje, enquanto uma amostra possível do deslizamento semântico de conceitos circulantes em nossa comunidade científica, assim como amostra de nossos usos destes mesmos conceitos.

(1992) enquanto obra calcada na multidisciplinaridade à base de nossos modos de conceber o campo da Literatura Comparada:

Na época, Wlad Godzich evocava as dificuldades desse tipo de abordagem, ligadas ao fato de a literatura comparada, como disciplina, ter sido concebida para examinar “as fontes e as influências” das “grandes” literaturas hegemônicas europeias sobre as literaturas periféricas. Partindo desse ponto, nossa abordagem continha um elemento de subversão do discurso comparatista estabelecido, visto que as literaturas em situação pós-colonial se tornavam o alvo da comparação. Foi possível constatar também que vários conceitos, que à época não estavam diretamente ligados ao campo literário, deveriam ser considerados: aqueles relativos aos processos identitários e de mestiçagem, às estratégias das minorias, à construção do nacional a partir do heterogêneo etc. (BERND, 2011, p. 31)

A circulação de teorias desde um lugar distinto ao centroeuropeu (ou euroamericano), no interior da comunidade científica, se mostra peça-chave de um projeto de *subversão do discurso comparatista estabelecido* à época, concebido para “examinar 'as fontes e as influências' das 'grandes' literaturas hegemônicas europeias sobre as literaturas periféricas”. Neste excerto, eis um diálogo com os debates estabelecidos anteriormente haja vista a necessidade de trazer ao debate, em uma posição multidisciplinar, “vários conceitos, que à época não estavam diretamente ligados ao campo literário [e que, segundo a autora], deveriam ser considerados”, problema já presente na preocupação de Miranda (1998, p. 11) ao constatar que

à primeira vista, o aparato de saber mobilizado pela abertura de outra via de discussão [no caso, a ascensão dos Estudos Culturais em nossa comunidade científica, no Brasi] parece redimensionar os limites de interlocução comparativista até a implosão de seus contornos disciplinares, colocando em xeque sua legitimidade institucional.

Em termos de aprendizagens e inovação advindas da cooperação Brasil-Canadá, levada a termo desde a organização de *Confluences littéraires*, destaca-se a busca de intercâmbios teóricos habilitados a discutir, em perspectiva comparada, a) os lugares de enunciação brasileiro e canadense, desde si; mediante b) a proposição de marcos teóricos distintos e não necessariamente redutíveis àqueles circulantes no campo da Literatura Comparada.

Rever as estratégias associadas aos *Cultural Studies* foi um dos primeiros aportes da introdução dos estudos canadenses e quebequenses no Brasil; outros se seguiram, como por exemplo:

1. abolição das noções de centro e de periferia;
2. introdução da reflexão teórica canadense, depois caribenha e latino-americana, apesar do grande peso da presença das teorias europeias;
3. transmigração dos conceitos do Norte em direção ao Sul, tais como literaturas migrantes, reciclagens culturais, transnação, entre outras, e do Sul ao Norte, como a antropofagia cultural e a transculturação;
4. desenvolvimento progressivo das reflexões sobre a americanidade, a tomada de consciência de nossa pertença às Américas plurais e a necessidade de ampliar os intercâmbios e as trocas interamericanas (BERND, 2011, p. 31-32)

O diálogo entre os artigos de Bernd (2011) e de Miranda (1998) se estabelece pela centralidade, em ambos, dos *Cultural studies* enquanto problema no campo da Literatura Comparada, trazendo um aporte transdisciplinar com o risco de uma “implosão de seus contornos disciplinares, colocando em xeque sua legitimidade institucional”, preço a ser debatido nos dois primeiros artigos do número 4 da *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, cujos textos abrem disputa contra atrizes(atores) centrais no campo, em sua defesa de uma concepção [vigente] do que sejam os Estudos Literários e, como implicação política, do que seja a literatura⁵. Quando da edição

⁵ O debate sobre este ponto, na teoria literária canadense, encontra desenvolvimento no subcapítulo “Periferia e diferença” (ANDRÈS, 1999). Neste trecho, Bernard Andrès debate a literatura quebequense recorrendo a uma interlocução com textos de Tânia Franco Carvalhal e de Silviano Santiago que, anteriormente aos aqui expostos, e desde

de *Confluences littéraires*, contemporânea aos artigos supracitados, Zilá Bernd e Michel Petersen buscam uma via de cooperação teórica entre Brasil e Canadá enquanto tratamento de um problema no interior do campo da Literatura Comparada⁶; e, ao traçar a importância desta publicação na comunidade científica dos Estudos Canadenses no Brasil, em seu artigo de 2011, explicita uma disputa análoga a dos artigos de 1998, oferecendo amostras de sua vigência. O aporte dos *Cultural studies* e, de um modo mais largo, quaisquer aportes não-centro Europeus à Literatura Comparada tomada como disciplina, assim como seus usos [políticos] na comunidade científica dos Estudos Literários no Brasil, seguem vigentes.

A este respeito, caso pensemos nos deslocamentos conceituais como amostras relevantes de parcerias intelectuais estabelecidas no campo, cabe uma pergunta complementar ao acima exposto, no tocante a nossos usos da teoria⁷ e, precisamente, nossos usos políticos da teoria no interior de nossa comunidade científica, retomando a formulação [hoje clássica] [e assaz didática] do problema de pesquisa central a *O local da cultura*:

O que exige maior discussão é se as “novas” linguagens da crítica teórica (semiótica, pós-estruturalista, desconstrucionista e as demais) simplesmente refletem aquelas divisões geopolíticas e suas esferas de influência. Serão os interesses da teoria “ocidental” necessariamente coniventes com o papel hegemônico do Ocidente como bloco de poder? Não passará a linguagem da teoria de mais um estratagema da elite ocidental culturalmente privilegiada para produzir um discurso do Outro que reforça sua própria equação conhecimento-poder? (BHABHA, 1998, p. 45)

Ao revisitar os textos supracitados de Bernd e de Miranda, amostragens da inovação de suas preocupações teóricas e de sua capacidade de desenho do campo, faz-se mister perceber sua contemporaneidade ao texto de Bhabha. Como um de seus aportes ao campo, no Brasil, se situa a necessidade de uma vigilância epistemológica, de nossa parte, dado inalienável da citação acima: sua pergunta dirigida, retoricamente, à constatação do caráter geopolítico da teoria (que, mais adiante, no início da parte II deste mesmo capítulo, devém “teoria ocidental”, entre aspas) nos leva a examinar o lugar da teoria, ao centro de nossa formação e produção científicas – o lugar, geopolítico, no sentido amplo de um termo que o próprio Bhabha ajudara a cunhar⁸.

o interior do campo da Literatura Comparada, discutem problemas atinentes aos fundamentos da disciplina: “(...) os estudos de fonte e de fortuna literárias caros aos comparatistas, oferecem ainda traços de condescendência ou mesmo, para utilizar a expressão de Tânia Franco Carvalhal, o índice de uma 'Ideologia colonizadora'. No seu entender, desde que uma relação de analogia se estabelece entre duas obras, ela se desdobra em uma relação de deverdor a credor que só favoreceria 'os sistemas culturais consolidados', em relação aos quais os sistemas mais recentes farão sempre papel de 'parentes pobres ou de herdeiros distantes'. E Tânia Franco Carvalhal, adotando a solução preconizada por Silviano Santiago sobre os estudos comparados, afirma: a pesquisa de 'um novo discurso crítico que utiliza cada vez menos, ou até negligência completamente, a caçada às fontes e às influências para estabelecer como único critério de análise a diferença” (ANDRÉS, 1999, p. 221). Para fins de apropriação desta passagem, Andrés recorre a: FRANCO CARVALHAL, Tânia. “Literatura comparada e dependência cultural”. In: *Literatura comparada*. São Paulo: Editora Ática, 1986, p. 72; SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 20.

⁶ Não por acaso, na primeira nota de rodapé de seu artigo (1998), Wander Melo Miranda recorre, exatamente, à definição de campo proposta por Wlad Godzich, consultada e seu artigo “As literaturas emergentes e o campo da comparatística”, publicado nos *Cadernos de Mestrado/Literatura*, número 13, 1995, p. 24-25. Nesta nota, Miranda remete, igualmente, à definição de campo responsável pela adoção e circulação do termo, constante de BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

⁷ Ao longo de toda esta exposição, a referência a *usos* de textos aludirá ao exposto por Umberto Eco, ao discutir a hipótese peirceana da semiótica ilimitada em duas obras: na seção 1.5 de *Os limites da interpretação* (ECO, 1995, p. 14-15); e no capítulo 1 de *Interpretação e superinterpretação* (ECO, 2005, p. 27-28). Em um trabalho futuro, como um desdobramento dos problemas ora discutidos, proceder-se-á a uma abordagem desta definição de uso de maneira a construir um problema epistêmico, acerca de nossos usos políticos da Teoria, de maneira a dialogar e avançar em relação ao proposto por Homi K. Bhabha acerca do lugar da teoria, em seu primeiro capítulo de *O local da cultura* (1998).

⁸ Dentre muitos referenciais teóricos acerca do lugar da teoria, de circulação no campo, há que citar, a título de exemplo: *Can the subaltern speak?*, de Gayatri Chakravorty Spivak, que recebera nova tradução em 2010, assinada por Sandra Maria Golar de Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa; e *Introducción à une poétique du Divers*, de Édouard Glissant, que recebera sua tradução em 2005, já bastante reeditada, tradução esta assinada por

A pergunta por nossos usos da Teoria, neste trabalho, receberá suas primeiras formas ao retomar o ponto já desenvolvido, doravante em um momento posterior de consolidação do campo: Fábio Akcelrud Durão (2015) disserta, nos pressupostos teóricos de seu artigo “Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários”, acerca de uma ideia, cara ao longo de todo este texto – e decisiva em nosso tratamento à pergunta norteadora sobre “em que línguas e com que parceiros”: o potencial epistemológico de obras literárias.

Em vista disso, torna-se óbvio o potencial epistemológico de obras literárias; com efeito, é mesmo possível dizer que cada uma das vertentes atuais da teoria, da hermenêutica ou estética da recepção até os *queer studies*, passando *New Historicism* e pós-estruturalismo, projeta um modelo de conhecimento específico a ser obtido a partir de textos ficcionais. A semiótica encontra neles construções verbais complexas, que permitem uma investigação aprofundada da natureza do signo; a desconstrução depara-se, através deles, com um fértil espaço para a demonstração do auto-desfazer de si da metafísica ocidental; o feminismo identifica tanto um veículo de cristalização de posições de gênero, quanto sua possível subversão; o pós-colonialismo, a consolidação de uma visão etnocêntrica ou a abertura para vozes oprimidas, e assim por diante... Portanto, discutir teoria literária em sua acepção mais ampla terá sempre como pressuposto a capacidade que a literatura exhibe para ser algo epistemologicamente produtivo (DURÃO, 2015, p. 378-379)

Para fins de proposição de nosso problema, se mostra relevante recortar e reservar esta expressão específica: *o potencial epistemológico de obras literárias*. Haja vista nosso estabelecimento de línguas e parceiros a nosso fazer-ciência (seja por parte de nossos Programas de Pós-graduação, seja por parte de nossas associações de pesquisa reconhecidas como atrizes(atores) relevantes no campo), pressupomos 1) intercâmbios de pensamento em uma via de mão dupla, como condição necessária [, pressuposição esta já presente nos textos anteriormente citados]; e 2) a produção de conhecimento, por nossa comunidade científica, calcada na possibilidade de que *textos ficcionais* produzidos e difundidos por nossos Outros estejam habilitados, potencialmente, a *um modelo de conhecimento específico* acessível a nosso trabalho científico de formulação de problemas, análises e aferições. Isto posto, a pergunta norteadora desta mesa redonda, no XXXIII Encontro Nacional da Associação de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, requer a pergunta por uma via de mão dupla não apenas entre membras(os) da comunidade científica dos Estudos Literários no Brasil e suas(eus) respectivas(os) em-que-línguas-e-com-que-parceiros mas [, fundamental assinalá-lo como hipótese a este texto,] uma via de mão dupla entre investigadora() e texto ficcional. Caso tal afirmação, ao constituir um problema de pesquisa, carecesse de inteligibilidade no interior de nossa comunidade científica, caberia uma reformulação: como hipótese a este texto, uma resposta a nossa questão norteadora proporia o estabelecimento de uma via de mão dupla entre investigadora() e texto ficcional na qual a primeira parte da equação aludiria a uma() sujeita() de pesquisa; ao passo que a segunda, na qual situamos o texto e suas culturas, o texto e suas autorias, o texto e suas representações, o texto enquanto texto, o texto e seus Outros, nesta segunda parte da equação aludiríamos, igualmente, a sujeitas(os) de pesquisa.

Em vista disso, torna-se óbvio o potencial epistemológico de obras literárias (...) Portanto, discutir teoria literária em sua acepção mais ampla terá sempre como pressuposto a capacidade que a literatura exhibe para ser algo epistemologicamente produtivo (*Idem*, p. 378-379)

Este trabalho busca uma resposta à pergunta norteadora centrada no *potencial epistemológico de obras literárias* e, nos apropriando da expressão inicial de Durão, no *potencial epistemológico das(os) sujeitas(os) que investigamos, mediante exame de obras literárias*. A título de resultados esperados, ao fim deste trabalho, quiçá se proponha uma nova questão epistemológica, habilitada a inteligibilidade e circulação no interior de nossa comunidade científica, acerca dos modos de apreensão, em nosso fazer-ciência, de nossos Outros (ou, doravante, ao longo de todo

trabalho: de [quens tomamos como] nossos Outros) quando objeto de investigação, assim como de seu lugar na equação de produção e difusão de conhecimento, vigente neste momento de nossa comunidade científica. Tal questão está atrelada a uma discussão institucional de internacionalização do campo, no Brasil⁹, caso se cogite que não apenas nós acadêmicas(os) – ou, em uma palavra: intelectuais – deslocamos e estabelecemos deslocamentos como, igualmente, as teorias efetuam deslocamentos (“as teorias deslizam”); e, uma vez partícipes do jogo da Teoria, as obras, elas igualmente, deslocam¹⁰. Em ambos sentidos, em via de mão dupla; em ambas acepções, com e sem partícula apassivadora.

Em suma, esta participação na mesa “Internacionalização nas Letras e nas Linguísticas: em que línguas e com que parceiros?” estabelece linhas iniciais a uma proposição, a saber: no campo dos Estudos Literários, no Brasil, cabe investigar o quanto estas redes intelectuais entre Brasil e Américas, entre *nosotros y nuestros Otros*, nos têm proposto novos problemas e soluções modelares, em nossa comunidade científica: com que parcerias? E para que(m) servem?; implicando a pergunta por nossas parcerias acadêmicas internacionais, visando à produção e difusão de conhecimento científico no campo dos Estudos Literários, desde um lugar de enunciação onde somos sujeitas(os) cognoscentes e onde quens investigamos, igualmente, são sujeitas(os) cognoscentes; tal quadro nos leva a um problema epistemológico, com o qual necessitamos interrogar ao campo. Em termos mais elementares, construir este problema¹¹ implica uma concepção de ciência, antes de tudo, política, dizendo ao lugar do qual se enuncia e, como seu corolário, dizendo a que(m) serve¹². Contudo, este uso do verbo *servir* não reivindica um caráter axiológico, tampouco uma posição utilitarista mas, de modo político, visa à pergunta: por quem enuncia nossa ciência; desde onde a enuncia; e com que(m) busca dialogar?

⁹ Ao que se aceita a ideia de que a composição da mesa haja sido pensada (e o convite a nós feito), especificamente, a fim de fomentar o debate sobre as estratégias interinstitucionais de nossa grande área de Letras e Linguística para responder a demandas mais recentes, suprainstitucionais, de parte de nossas agências de fomento (e, submetidas a estas, de nossas reitorias e pró-reitorias de pós-graduação), a exigir planos de internacionalização, exequíveis na dinâmica dos Programas de Pós-graduação que integramos. E, caso tomemos em conta nosso horizonte de expectativa no tocante ao desenho do campo, no período compreendido por este trabalho (a saber, os últimos 30 anos, desde o início dos anos 1990), quiçá se aceite a ideia de que o convite a mim feito à composição desta mesa visasse, especificamente, a fim de fomentar o debate sobre as estratégias interinstitucionais da área de Letras (*alias*, Estudos Literários) para cooperação acadêmica entre instituições brasileiras e latinoamericanas, de modo a impulsionar os estudos destas literaturas nacionais, em perspectiva comparada, nos Programas de Pós-graduação brasileiros filiados à Anpoll. Não obstante ao fato de que nem tudo ocorre como planejado, a presente argumentação, em sua aposta no *potencial epistemológico das(os) sujeitas(os) que investigamos, mediante exame de obras literárias*, visa, ao fim e ao cabo, a assinalar parâmetros epistêmicos subjacentes a nossos acordos estratégicos de produção e difusão de conhecimento, de modo a fomentar nossos deslocamentos e suas consequências. *Ojalá nos resulte.*

¹⁰ As obras (se) (nos) deslocam; e, hipótese de trabalho, a dizer sobre meu lugar de enunciação ou sobre o lugar de minha teoria: as(os) sujeitas(os) das(os) quais as obras se mostram tributárias, igualmente, (se) (nos) deslocam. Eis o que Rita Terezinha Schmidt (1998) busca demonstrar em sua interpretação da obra *Moses, man of the mountain* (1939), de Zora Neale Hurston, em um artigo no qual constroi fundamentos a nossa percepção de [quens tomamos como] nossos Outros enquanto sujeitas(os) cognoscentes, desde seus título e subtítulo: “Em busca da história não contada *ou*: o que acontece quando o objeto começa a falar?” (grifo meu). Tomando de empréstimo a pergunta basilar de Luce Irigaray, Schmidt demonstra, em seu artigo, “o que acontece quando uma escritora se apropria da narrativa para contar a história silenciada da desapropriação da voz feminina, criando um discurso oposicional, de força estratégica e ideológica, dentro da zona discursiva de um dos grandes mitos fundadores da cultura judaico-cristã, o mito de Moisés.” (1998, p. 188); e, para fins de nosso diálogo com seu texto, demonstra o quanto o romance de Hurston desloca nossos modos de perceber – ou, dito de outro modo: de pressupor – as obras literárias das sujeitas que investigamos.

¹¹ No marco do que propusemos didaticamente, em artigo anterior, como “Paradoxo de Córdoba” (ALVES, 2017).

¹² A ideia de lugar e, mais precisamente, de lugar da teoria, se pode depreender, em um primeiro momento, das leituras dos capítulos “O compromisso da teoria” (BHABHA, 1998), mais precisamente nos primeiros cinco parágrafos de sua seção I (p. 43-45), assim como nos dois primeiros parágrafos de sua seção II (p. 59); assim como do capítulo “Crioulizações no Caribe e nas Américas”, mais precisamente na seção final em que Édouard Glissant responde a uma pergunta (GLISSANT, 1996, p. 35-36).



Ilustração 1: graffiti situado na entrada do Instituto de Letras, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; estima-se que sua primeira pintura data de 2003.

Reivindicar uma enunciação científica não implicaria, todavia, a [suposta] inversão binária de uma ordem estabelecida de produção e circulação de conhecimento; tampouco implicaria, discursivamente, uma hipotética "ditadura do Sul", [esta igualmente binária] [e de cunho essencialista], interpretação que tenderia a desqualificar, demasiado rápido, a proposta da gravura de Joaquín Torres-García, sob a divisa *nuestro norte es el Sur*.

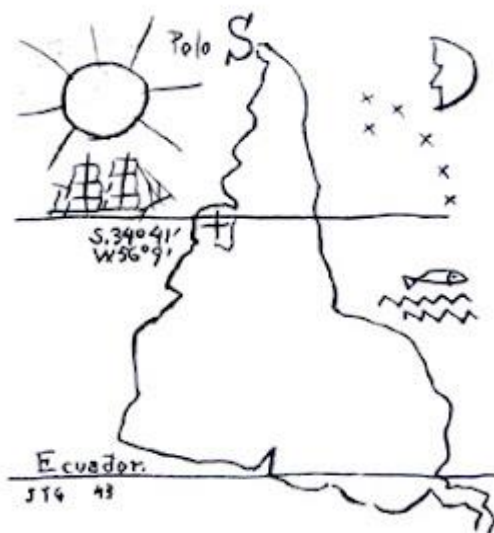


Ilustração 2: alusiva à gravura de Joaquín Torres-García, intitulada “América invertida” (1943).

Onde Torres-García assinala a necessidade de uma definição de Sul – ou, em outra

perspectiva: de nossos Sules possíveis, desde onde enunciamos – se aloja o ponto de discussão ante a hipótese de uma [suposta] “ditadura do Sul”: modifica-se o princípio de inversão (segundo regras similares às da colonização e de seu corolário, a violência epistêmica¹³) por um princípio de compreensão de si, desde si; uma vez definindo uma noção de Sul e, mediante ela, nosso lugar-Sul epistêmico, assim nos definimos sujeitas(os)-Sul, *ahora sabemos donde estamos* (TORRES-GARCÍA, 1941)¹⁴.

Si bien podemos reconocer la academia y sobre todo la academia asentada en el norte como lugar de enunciación privilegiada, luego de escuchar a las compañeras que están ubicadas en estos lugares, terminamos admitiendo que ‘el norte’ no es homogéneo como tampoco ‘el sur’. Tanto en un lado como en otro podemos encontrar compromisos con el pensamiento y el poder hegemónico o con su destitución. De lo que se trata entonces es de reconocer las especificidades de cada lugar y de potencializar articulaciones que permitan avanzar en la concreción de los objetivos político-académicos de un feminismo comprometido con la descolonialidad y ‘el antirracismo’ (MIÑOSO, 2014, p. 35)

Yuderkis Espinosa Miñoso (2014), no momento em que reconhecemos *la academia y sobre todo la academia asentada en el norte como lugar de enunciación privilegiada*, permite supor a violência epistêmica em nossos modos de compreender as literaturas de [quens tomados como] nossos Outros, amiúde denominados “do Sul”, apontando-nos a necessidade de uma vigilância epistemológica a reconhecer os lugares donde enunciam as(os) sujeitas(os) que investigamos; prevenindo, destarte, *compromisos con el pensamiento y el poder hegemónico* identificados a uma *academia asentada en el norte como lugar de enunciación privilegiada*. Convém prevenir a fixação de um lugar de enunciação privilegiado, haja vista que “‘el norte’ no es homogéneo como tampoco ‘el sur’. Tanto en un lado como en otro podemos encontrar compromisos con el pensamiento y el poder hegemónico o con su destitución”: de um sul geográfico, não decorre, necessariamente, um sul epistemológico. Dito de outro modo: a posição geográfica não estipula condição suficiente à posição política. Como segundo elemento, a recusa a uma homogeneidade de nosso lugar necessita acompanhar a recusa a uma homogeneidade do lugar hegemônico. Dito de outro modo: da heterogeneidade do sul, não decorre, necessariamente, a homogeneidade do norte.

¹³ Ao longo de toda esta exposição, a referência ao conceito de *violência epistêmica* aludirá ao exposto por Maritza Belausteguigoitia, em seu artigo “Descaradas y deslenguadas: el cuerpo y la lengua india en los umbrales de la nación”: “se relaciona con la enmienda, la edición, el borrón y hasta el anulamiento tanto de los sistemas de simbolización, subjetivación y representación que el otro tiene de sí mismo, como de las formas concretas de representación y registro, memoria de su experiencia” (BELAUSTEGUIGOITIA, 2001, p. 236-237). Em sua apropriação da definição de Belausteguigoitia, Miñoso a introduz com uma observação, própria, que considera importante a sua *puesta en contexto*: “Por violencia epistémica estoy entendiendo una forma de invisibilizar al otro, apropiándolo de su posibilidad de representación” (MIÑOSO, 2014, p. 318)

¹⁴ Relativa a “América invertida”, há uma citação de Joaquín Torres-García, igualmente conhecida: “He dicho Escuela del Sur, porque en realidad, nuestro norte es el Sur. No debe haber norte, para nosotros, sino por oposición a nuestro Sur. Por eso ahora ponemos el mapa al revés, y entonces ya tenemos justa idea de nuestra posición, y no como quieren en el resto del mundo. La punta de América, desde ahora, prolongándose, señala insistentemente el Sur, nuestro norte” (TORRES-GARCÍA, 1941). Tal ideia dialoga com uma divisa similar, de Bernard Andrès, em sua conferência no Congresso Internacional da ABECAN, em 2005, segundo a qual o ensaísta “perdera o norte” como fruto de seus descentramentos tributários dos intercâmbios conceituais, no campo dos estudos comparatistas entre Brasil e Canadá.



Ilustração 3: graffiti situado em Bogotá, Colômbia (Carrera 4, esquina com Calle 12, Centro Histórico); fotografia de março de 2016, por Alcione Correa Alves.

Na divisa *nuestro Norte [hoy] es el Sur*, eis a força revolucionária do advérbio, assim como a passagem da essência (*es*), daquilo que seria natural[izada]mente definido, a um reconhecimento e interpretação de suas condições sócio-historicamente dadas. Nesse sentido, o verbo *es* nos propõe uma ciência que indaga a essencialização enquanto passo argumentativo indevido, assim como impele a questioná-lo em nosso fazer-ciência: a que(m) serve definir estas(es) sujeitas(os) como Outros, como híbridos, antes de compreendê-las(-los) como sujeitas(os) que habitam e significam lugares?

Este trabalho tecerá seu fio argumentativo à luz da ideia de *redes intelectuales* americanas (DEVÉS-VALDÉS, 2007; 2012), em uma base que poderíamos, didaticamente, aproximar da cooperação Sul-Sul¹⁵. Como hipótese, considera-se que, malgrado um conceito de deslocamento nos permita observar, quantitativa e qualitativamente, a formação de redes a estabelecer intercâmbios entre Brasil e América Latina, se mostra necessário observar como estas redes têm proposto, até o momento, deslocamentos epistêmicos capazes de propor novos problemas e novas soluções modelares à comunidade científica dos Estudos Literários, no Brasil – uma vez assumida a implicação necessária ao conceito de problemas modelares (KUHN, 1995): sua inteligibilidade no interior de uma comunidade científica.

Se entiende por tal a un conjunto de personas ocupadas en la *producción y difusión del conocimiento*, que se comunican en razón de su actividad profesional, a lo largo de los años.

En la actualidad, la noción de “intelectual” comprende de manera primordial a quienes ejercen la investigación y la docencia a nivel superior, incluyéndose también en numerosas oportunidades a *escritores*, políticos, diplomáticos, profesionales liberales y líderes sociales que, por su trabajo, son reconocidos como pares al interior del *campo*. La determinación de quien es y quien no, es parcialmente histórica, pues, dependiendo del grado de profesionalización del quehacer intelectual, *se aceptará* con mayor facilidad a *ciertas*

¹⁵ Tal como proposta, em um campo mais largo das ciências humanas, pela noção de *sul epistemológico*, como desenvolvida por Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses (MENESES, 2008; quanto a sua apropriação visando a debater o atual tema, ver: ALVES, 2017); ou, em nosso próprio campo, pela proposta de uma cooperação Sul-Sul, desenvolvida por Zilá Bernd, em seu período à frente da Associação Brasileira de Estudos Canadenses, bem como em sua produção intelectual no âmbito da comunidade científica dos Estudos Canadenses no Brasil (notadamente, neste texto: BERND, 2011).

Ao nos apropriar do conceito, observemos a importância do *campo* (BOURDIEU, 1987; MIRANDA, 1998) à formulação de perguntas acerca de nossas redes intelectuais implicando, por exemplo: a formação de grupos de trabalho, no campo¹⁶; a legitimidade de reconhecimento científico, nas disputas internas ao campo¹⁷; nosso reconhecimento da literariedade de [quens tomamos como] nossos Outros; nossa recepção de aportes teóricos de [quens tomamos como] nossos Outros¹⁸.

Ademais, a centralidade da ideia de *producción y difusión de conocimiento*, na definição, implica o âmago de nosso problema: interpretar [quens tomamos como] nossos Outros como sujeitas(os) cognoscentes, no interior do campo. O conceito nos conduz à pergunta sobre o lugar do conhecimento (a “teoria ocidental” de Bhabha), assim como a nossa impermeabilidade a estas *producciones y difusiones otras del conocimiento*.

O que está em jogo quando se chama a teoria crítica de “ocidental”? Essa é, obviamente, uma designação de poder institucional e eurocentrismo ideológico. (...) Esta é uma manobra familiar do conhecimento teórico, onde, tendo-se aberto o abismo da diferença cultural, um mediador ou metáfora da alteridade deverá conter os efeitos da diferença. Para que seja institucionalmente eficiente como disciplina, deve-se garantir que o conhecimento da diferença cultural exclua o Outro; a diferença e a alteridade tornam-se assim a fantasia de um certo espaço cultural ou, de fato, a certeza de uma forma de conhecimento teórico que desconstrua a “vantagem” epistemológica do Ocidente (BHABHA, 1998, p. 59)

Ao fim, nossa disciplina, nos atuais termos, necessitaria da manutenção de [quens tomamos como] nossos Outros nesta posição, quiçá como pedra de toque desta “certeza de uma forma de conhecimento teórico que desconstrua a 'vantagem' epistemológica do Ocidente”. Como caso paradigmático de sujeitas(os) cognoscentes a questionar uma posição de alteridade na produção de conhecimento, a introdução de Francesca Gargallo a sua edição de *Feminismos desde Abya-Yalá. Ideas y proposiciones de las mujeres de 607 pueblos en nuestra América* (2014) retoma sua trajetória de estudo do feminismo americano (ou em termos de Devés-Valdés: sua confecção de *cartografías intelectuales y/o eidéticas* do feminismo americano), anteriormente desenvolvida em sua obra *Ideas feministas latinoamericanas* (2006), assinalando o quanto, ao tomar contato com feministas americanas não-ocidentais, percebe a centralidade de uma nova pergunta, epistêmica, acerca de seu lugar científico de enunciação ante a pluralidade de feminismos americanos – em seus próprios termos, *desubicarse*:

Gracias al diálogo que entablé con Maya Cú desde el afecto y el respeto mutuo, entendí que debía desubicarme del lugar de poder que me confiere la universidad, el saber institucionalizado y las normas políticas de la nación que se construye sobre la exclusión de los miembros que no quiere reconocer. (...) No obstante, por ese diálogo caí en la cuenta que tenía que desubicarme más, ir física y teóricamente al encuentro de las mujeres que desde otras condiciones de vida piensan y actúan para construir una vida mejor para las mujeres. Y que debía exponerme a ser aceptada o rechazada, desconocida o considerada

¹⁶ Quais seriam nossos resultados caso nos perguntássemos, no interior do campo, pelos temas preponderantes, nos últimos 20 anos, relativos aos GTs da ANPOLL? Ou pelos simpósios que têm sido propostos por estes atores, nas últimas edições dos Congressos Internacionais da ABRALIC?

¹⁷ Em nosso caso: as tensões entre um suposto campo da Literatura, com L maiúsculo, em oposição ao campo dos Estudos Culturais – frequentemente sob acusação de uma falta de rigor científico destes últimos. Para tanto, ao seguir a leitura do artigo já citado de Miranda (1998), convém sublinhar sua objeção ao posicionamento de Leyla Perrone-Moisés acerca do tema, assim como os argumentos apresentados pelo articulista em defesa a) do reconhecimento da ascensão dos Estudos Culturais enquanto fenômeno legítimo do campo; b) do questionamento a argumentos que busquem estabelecer uma oposição entre estudos literários e estudos culturais apresentando, como elemento distintivo, a ausência de rigor científico no segundo caso.

¹⁸ Por exemplo, quando examinamos, na condição de problema de pesquisa, nossos usos de Frantz Fanon, frequentemente, mediados pela apropriação que se faz de sua teoria em *O local da cultura*; ou quando estendemos semelhante questionamento a nossos usos de Glissant (ALVES, 2014), de Spivak, de Hall, de Bhabha.

una interlocutora válida, a partir de una reflexión sobre mi lugar como mujer blanca en la historia del racismo occidental y la hegemonía que reviste en la construcción y transmisión de saberes (GARGALLO, 2014, p. 20-21)

Gargallo apresenta seu esforço de compreensão de feminismos americanos não-ocidentais como base à formulação de novos problemas modelares – como se ela, já consagrada enquanto intelectual de *cartografías intelectuales y/o eidéticas* do feminismo americano, indagasse a seu próprio lugar: com que parceiras? Ou, em termos epistêmicos: em nossas cartografias, quem tomamos como nossas parceiras porque [como nós] também, indubitavelmente, sujeitas(os) cognoscentes? Quem representam a pontos no mapa e quem percorrem lugares conosco? Gargallo usa o verbo forte *desubicarse*, de maneira a assinalar uma naturalização do próprio lugar de intelectual como condição virtual de sua prerrogativa à cartografia e, enfim, a uma taxonomia dos feminismos americanos; seu epílogo à obra de 2006, intitulado “¿Hacia un feminismo no occidental?”, devém prólogo, em 2014, descentrando e buscando compreender, desde nosso lugar acadêmico ocidental, a estas sujeitas cognoscentes não-ocidentais¹⁹. Caso pensemos que, graças a esta *desubicación* de Gargallo, este patrimônio de pensamento feminista americano não-ocidental nos é dado a conhecer, dialogando e nos apropriando, este aspecto retoma a ideia de Devés-Valdés acerca da aceitação, no campo, *a ciertas personas para que se integren a dicha red*, aportando um sentido político, necessário, à legitimação do campo – o que, no interior de nosso campo dos Estudos Literários, enfrenta resistência desde nossos próprios conceitos balizadores (o cânone; a literariedade; o valor; a história; a representação; o autor).

Por fim, a ideia de perceber *escritores* enquanto intelectuais a integrar redes, assim como a ser reconhecidas(os) enquanto *producción y difusión del conocimiento*, remete a um procedimento de análise das obras de [quens tomamos como] nossos Outros em uma dupla dimensão: a de ficcionalidade, correspondente a nossos procedimentos correntes, no campo; a de ensaio, implicando pensar a estas(es) sujeitas(os) enquanto sujeitas(os) cognoscentes – e, no interior do campo, reconhecendo-as enquanto sujeitas(os) citáveis, comentáveis, dialogáveis, apropriáveis, convidáveis a nossas redes²⁰. Em uma palavra: abrir, no campo, a possibilidade de que [quens

¹⁹ Contexto no qual ganha sentido a afirmação de Julieta Paredes, recolhida por Gargallo na introdução de seu livro, quando esta afirma que: “Toda acción organizada por las mujeres indígenas en beneficio de una buena vida para todas las mujeres, se traduce al castellano como feminismo”. Quiçá a nomenclatura de *feminismo* consista, ela própria, em parte do esforço de compreensão de Gargallo; talvez, nossa leitura de Gargallo (2014) exija uma vigilância epistemológica a nos prevenir, nas palavras de Bhbaha (1998), a armadilha do “abismo da diferença cultural, um mediador ou metáfora da alteridade [que, em nosso ato de compreensão,] deverá conter os efeitos da diferença”.

²⁰ A ideia básica de interpretar e, com isso, nos apropriar do pensamento de [quens tomamos como] nossos Outros em uma dupla dimensão (a de ficcionalidade, correspondente a nossos procedimentos correntes de trabalho, no campo; e a de ensaio, implicando pensar a estas(es) sujeitas(os) enquanto sujeitas(os) cognoscentes) tem sido desenvolvida nos últimos três anos de trabalho coletivo do Projeto de Pesquisa Teseu, o labirinto e seu nome, vigente no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí. Em fase de sistematização, com vistas a ser proposto enquanto parte integrante de uma ferramenta metodológica a análises de literaturas negras americanas (ferramenta esta da qual fazem parte, igualmente, a noção de *redes intelectuales*, tal como lida aqui desde Eduardo Devés-Valdés; e a noção de *préface*, desde o pensamento de Édouard Glissant), o procedimento da dupla dimensão se mostra tributário da pergunta ora desenvolvida, acerca de quem reconhecemos como sujeitas(os) cognoscentes, em nosso exame científico de [quens tomamos como] nossos Outros. Como corolário deste procedimento, nossa produção científica tem manifestado a tendência a uma dupla leitura de intelectuais negras brasileiras enquanto ficcionalidade (obras ficcionais em rede com outras) e pensamento (ensaio em rede com outros ensaios), verificável em nossas análises científicas, em nossos problemas modelares, assim como em nossas referências bibliográficas. A título de exemplo, recomendamos as dissertações de mestrado recém defendidas: pela Profa. Ms. Maria do Desterro da Conceição Silva, intitulada *Violência-resistência em Duzu-querença e Ana Davenga, de Conceição Evaristo*; e pela Profa. Ms. Lana Kaíne Leal, intitulada “*De la Barbade à l'Amérique et retour*”: memória, resistência e construções identitárias em diáspora no romance *Moi, Tituba sorcière...*, de Maryse Condé. Destaque-se, por fim, a dissertação em andamento de Cleide Silva de Oliveira, com o título provisório de *Construção de identidades negras na contística de Cristiane Sobral*, com previsão de defesa em março de 2019: esta pesquisa, como um de seus objetivos principais, se dedica à interpretação de Cristiane Sobral mediante o procedimento de dupla dimensão (contística e ensaio), tomando sua obra enquanto prefácio a um *corpus* de literaturas negras femininas brasileiras contemporâneas.

tomamos como] nossos Outros se nos mostrem não apenas enquanto objeto mas enquanto sujeitas(os) de *producción y difusión del conocimiento*. Pensá-las(-los) enquanto redes acadêmicas, para além de homogeneizar seu pensamento, implicaria: 1) nossos Outros são sujeitas(os) cognoscentes – sobre si mesmos (seu estar-no-mundo; seu devir), assim como sobre sua relação conosco na *producción y difusión del conocimiento* (o que implica supor agência destas(es) sujeitas(os)); 2) nossos Outros podem se ler e ser lidas(os) enquanto redes (o que implica supor *cartografías intelectuales y/o eidéticas* em seu pensamento, com todas implicações gnoseológicas daí decorrentes²¹.

Embora não haja pesquisa sem interpretação, existe interpretação sem pesquisa. Esta última requer rigor; na ciências exatas, ela exige verificabilidade: reproduzindo-se fielmente as condições de um experimento, o resultado será sempre o mesmo” (DURÃO, 2015, p. 383-384)

Reconhecer um problema em nossa percepção e reconhecimento dos referenciais teóricos de [quens tomamos como] nossos Outros, no interior do campo, nos remete à imagem dos micróbios ao microscópio: sob a égide de objetividade do fazer científico (o que justificaria nossa adoção de procedimentos atinentes a ciências exatas, notadamente a verificabilidade mediante constância de condições de experimentação), se abre espaço à violência epistêmica contra sujeitas(os) cujos textos investigamos. No momento em que se busca um princípio de verificabilidade a textos literários não-canônicos, em oposição ao exercício de interpretação [como prerrogativa] a textos canônicos, se pode perceber, subjacente a esta distinção metodológica, um problema epistêmico: a textos não-canônicos, escritos por [quens tomamos como] nossos Outros, nossa prática científica reserva o princípio de verificabilidade pois “reproduzindo-se fielmente as condições de um experimento, o resultado será sempre o mesmo”. Nestes termos, em sua intervenção no I Congresso Brasileiro do Negro, em 1959, Costa Pinto objetara a Abdias do Nascimento, na querela desenvolvida a partir da imagem de micróbios no microscópio, aos quais caberia apresentar resultados similares ante as condições de experimentos de pesquisa da(o) intelectual, nisto consistindo seu lugar na equação de produção e difusão de conhecimento²². Dadas tais condições, quiçá não se mostre contraditória nossa escolha, no campo, de reservar às literaturas não-canônicas o domínio da explicação (próprio às ciências exatas), reservando a compreensão (própria às ciências humanas) como tarefa de exame das literaturas canônicas, às quais se aplicaria o método interpretativo²³; em tal quadro, não se mostraria contraditório, como consequência, nosso acúmulo de conhecimento, no campo, que nos habilita a generalizações, a taxonomias, a assertividade acerca de [quaisquer] literaturas não-canônicas, assegurando a interpretação como porta a textos literários canônicos – ou, em uma palavra, ao que [nós, Sujeitos] reconhecemos como Literatura. A fim de delimitar o ponto²⁴: em vez de se reivindicar as condições de possibilidade a uma fala de micróbios, referimo-nos, o tempo todo, a um fazer-ciência que busque compreender as condições a uma interdição de [quens

²¹ O que implica, ademais, supor um pensamento dinâmico, processual – e provisório, caso acompanhemos a formulação de Édouard Glissant (1996).

²² A querela entre Costa Pinto e Abdias do Nascimento, assim como aquilo que temos interpretado, nos domínios de nosso Projeto de Pesquisa, como “refutação perfeita de Costa Pinto”, será tema de um artigo futuro, no qual proporemos um novo modo de apresentar o problema epistemológico que aquí nos ocupa, dizendo respeito, mais precisamente, à hipótese norteadora de nosso trabalho de análise de literaturas negras americanas: sujeitas(os) negras(os) tomadas como sujeitas(os) cognoscentes. Recebe a alcunha de “refutação perfeita de Costa Pinto” por sua consequência de naturalizar, no fazer científico, a interdição de uma posição-sujeito a sujeitas(os) negras(os), em nome de uma objetividade do fazer científico. Diz-se *perfeita* por sua vigência, mesmo mais de sessenta anos depois, especialmente no atual estado do campo dos Estudos Literários, no Brasil.

²³ Em uma palavra: a compreensão enquanto domínio das ciências humanas, implicando a primazia do método interpretativo e a formulação de problemas dele decorrentes (FOKKEMA; IBSCH, 2006, p. 31-38); e, de outra parte, as literaturas não-canônicas enquanto domínio da explicação, implicando a verificabilidade e as taxonomias daí decorrentes. Se estipulamos a literariedade como conceito a distinguir a natureza do que investigamos, abre-se a possibilidade de justificá-la como critério do literário e, passo indevido, como critério do humano. Na ausência de literariedade, migra-se da compreensão à explicação.

²⁴ [, assim como minha atual aposta política quanto ao conceito de lugar de enunciação]

tomamos como] nossos Outros do outro lado do microscópio, o de pesquisadora(); o de intelectual; o de sujeita(o) cognoscente; o de redes intelectuais, em suas consequências epistemológicas e políticas.

Uma vez aceito o fundamento das identidades fragmentárias em uma perspectiva pós-moderna²⁵, o princípio de verificabilidade à base dos procedimentos atinentes às ciências exatas implicaria, sem contradição, uma consequência: a prerrogativa do Sujeito²⁶ a estas identidades cabendo, a [aqueles tomados como] nossos Outros, identidades a) fixas; e b) predeterminadas; c) por nós próprios Sujeitos – incluindo-se a(o) intelectual em situação de *effet de sujet*²⁷. Ao Sujeito se reserva a fragmentariedade, o deslocamento, a multiculturalidade, a complexidade desde suas subjetividade e culturas híbridas; a [aqueles tomados como] nossos Outros, se reserva o domínio de uma identidade natural[izada] que, desde sempre, a conhecemos, identidade monolítica passível de explicação – talvez por isso, cada indivíduo sempre se nos mostre em condição de *representar* ao conjunto de sua raça.

Frequentemente, assumimos que as pessoas com as quais trabalhamos, para as quais ensinamos, com as quais deixamos nossos filhos na escola, que sentam ao nosso lado, vão agir e sentir de maneira predefinida por pertencerem a determinada categoria de raça, classe social ou gênero. Esses julgamentos por categorias têm de ser substituídos por relações completamente humanas que transcendam as diferenças criadas por raça, classe e gênero como categorias de análise. Necessitamos de novas categorias de conexão, novas visões de como podem ser nossas relações com os outros (HILL COLLINS, 2015, p. 15)

A ideia anterior, de vigilância epistemológica, se qualifica quando percebemos, na citação de Patricia Hill Collins, este Sujeito enquanto “pedaço do opressor que está plantado profundamente em cada um de nós”. Apenas a [aqueles tomados como] nossos Outros cabe falar de raça, ao passo que atribuí-la ao Sujeito não faria o menor sentido. Ao Sujeito, cabe homogeneizar a [quens tomamos como] nossos Outros, haja vista sua prerrogativa de complexidade; e, no contexto da pesquisa científica no campo dos Estudos Literários: nossas hipóteses supõem que [quens tomamos como] nossos Outros “vão agir e sentir de maneira predefinida por pertencerem a determinada categoria de raça, classe social ou gênero”, em nome de um princípio de verificabilidade, próprio a nossa legitimação como ciência; a contrapelo, corroboraríamos a objeção de Costa Pinto a Abdias do Nascimento, aparentemente em nome da objetividade do fazer científico mas, ao fim, em nome de nossa prerrogativa [como Sujeitos] de definir, em taxonomias, nossos Outros²⁸. Reconhecendo o *potencial epistemológico de obras literárias*, avançando ao *potencial epistemológico das(os) sujeitas(os) que investigamos, mediante exame de obras literárias*, podemos aceitar uma resposta à pergunta norteadora de nossa mesa, no tocante a nossa comunidade científica, se e somente se

1. somos reconhecidas(os), no campo, como sujeitas(os) cognoscentes; decorrendo que

²⁵ Fundamento circulante no campo; em sua divisa talvez mais recorrente, se situa a citação clássica “segundo Stuart Hall, as identidades hoje estão fragmentadas”.

²⁶ O Sujeito, com S maiúsculo, em sua acepção spivakiana (2010).

²⁷ Aqui, aceitando as implicações de uma apropriação, a nossos fins, do *effet de réel* (BARTHES, 1968). Em artigo posterior, nosso Projeto de Pesquisa procederá a um desenvolvimento de tal apropriação, de modo a avançar na construção de um problema válido e circulável em nossa comunidade científica. Como corolário a este problema, a discussão acerca de uma ideia possível de intelectualidade negra, assim como sua relação com uma definição de intelectual própria ao pós-estruturalismo francês (esta, delineada e criticada por Spivak) iniciará, neste futuro artigo, partindo do texto referencial de bell hooks, “Black women intellectuals”, traduzido no volume 3, número 2 da revista *Estudos feministas* (1995, p. 464-478) e de suas(seus) interlocutoras(es): “Confirmou desde o início o que líderes negros do século XIX bem sabiam — o trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas que passariam de objeto a sujeito que descolonizariam e libertariam suas mentes” (hooks, 1995, p. 466). Na base desta citação a hooks, a ideia basilar de sujeitas(os) negras(os) que, em sua relação com o conhecimento, devêm sujeitas(os) cognoscentes, com todas as consequências.

²⁸ Parodiando uma frase recorrente de redes sociais, amiúde atribuída a Sigmund Freud: as pesquisas do Prof. Paulo sobre a obra literária de Pedro diriam mais sobre o Prof. Paulo do que sobre a obra de Pedro.

1'. em ambos lados da equação (ou do microscópio, diria Costa Pinto), percebemos sujeitas(os) cognoscentes.

Tal constatação, caso aceita, nos levaria a propor um modelo de produção e difusão de conhecimento tributário não de uma relação sujeito-objeto, mas de uma relação sujeita(o)-sujeita(o), aceitando e enfrentando seus corolários no interior da ciência que partilhamos. Como consequência adicional, tal constatação nos permite avançar em uma definição de redes intelectuais a ser apropriada e operacionalizada a nossos fins:

Las redes de las que se ocupa este libro [*Pensamiento periférico: una tesis interpretativa global*] son de *personas que se preguntan por la realidad de sus pueblos en el mundo* y por el destino de estos. Se trata principalmente de *personas productoras de ideas como interpretaciones y propuestas para sus realidades y no sólo de información*, como conocimiento empírico acerca de éstas. El pensamiento periférico emerge y expresa *una preocupación por el destino de individuos y sociedades* y no se desenvuelve en los ámbitos del quehacer científico estricto, sino en aquellos que tratan de conectar el conocimiento con la construcción de proyectos” (DEVÉS-VALDÉS, 2012, p. 16, grifos meus)

Em um complemento importante à definição anterior (DEVÉS-VALDÉS, 2007), uma ideia de redes intelectuais que evoca a pergunta pela realidade de uma coletividade em relação a um conjunto maior que si mesma – em uma palavra, a pergunta de sujeitas(os) por seu devir – abre uma perspectiva aos propósitos desta discussão, a saber: a título de acréscimo a uma ideia de redes intelectuais negras americanas; e aceitando a definição supracitada de Devés-Valdés, no momento em que identifica uma rede intelectual enquanto *personas que se preguntan por la realidad de sus pueblos en el mundo*; justifica-se o cuidado de Achille Mbembe, na introdução a *Crítica da razão negra* (2014), ao demonstrar o quanto nosso epistema ocidental, de base centroeuropeia, estipula o par Negro/raça para tratar conceitualmente a diferença como problema científico; em tal modo de conceituar a diferença, [aquilo que identificamos como] o Negro ocuparia uma posição necessária (ou um *telos*) de Outro de uma Europa tomada a si própria de modo homogêneo;

Para apreender com mais exactidão a importância destes perigos e possibilidades não é de mais recordar que, de uma à outra ponta de sua história, o pensamento europeu sempre teve tendência para abordar a identidade não em termos de pertença mútua (co-pertença) a um mesmo mundo, mas antes na relação do mesmo ao mesmo, de surgimento do ser e de sua manifestação em seu ser primeiro ou ainda, no seu próprio espelho (MBEMBE, 2014, p. 10)

ao que nos importa destacar o quanto, em nosso fazer científico, corremos o risco de adotar esta *posição necessária de Outro* às literaturas que investigamos, assim como perceber nosso próprio lugar (Bhabha diria, talvez, o lugar de nossa teoria) enquanto lugar natural[izada]mente ocidental, condição a salvaguardar nossa prerrogativa de análise de [quens tomamos como] nossos Outros. Subsequente ao par Negro/raça, Mbembe nos assinala dois aspectos a uma definição daquilo que tomamos como Negro[/raça]: nem a definição do ser-negro; tampouco a pertença a este ser-negro; nenhuma delas compete aos sujeitos por elas categorizados e englobados, ambas permanecendo prerrogativas do Sujeito ou [, em nosso caso enquanto comunidade científica,] do intelectual em seu *effet de sujet*:

De seguida, deve-se ao facto de que ninguém – nem aqueles que o inventaram nem os que foram englobados neste nome – desejaria ser um negro ou, na prática, ser tratado como tal. (...) Ao reduzir o corpo e o ser vivo a uma questão de aparência, de pele ou de cor, outorgando à pele e à cor o estatuto de uma ficção de cariz biológico, os mundos euro-americanos em particular fizeram do Negro e da raça duas versões de uma única e mesma figura, a da loucura codificada (*Idem*, p. 11)

Isto nos levaria a uma consequência política, subjacente a nossas escolhas de referenciais teóricos, no exame de [quens tomamos como] nossos Outros: mais complexo do que o gentílico de

autoras(es) a dialogar conosco²⁹, tal problema repousaria na adoção de um epistema centroeuropeu (ou euro-americano, acompanhando o termo de Mbembe) em nossa construção de problemas e soluções modelares no interior de nossa comunidade científica. Na base deste epistema [central em nossa formação acadêmica, em nossas trajetórias no campo, em nossos estar-no-mundo], quiçá a contrapelo de nossas preocupações e concepções daquilo que seja ciência, permaneceria a justificação de nossos referenciais teóricos, a justificação de tomar as literaturas investigadas necessariamente como literaturas de nossos Outros, a justificação do Outro como aquele dotado de raça; e, extensível a tais consequências teóricas, a justificação de em que línguas e com que parceiros (ou, em uma palavra: com quais Sujeitos) construiremos e divulgaremos ciência acerca de [quens tomamos como] nossos Outros. Isso nos conduz, de modo cíclico, à refutação perfeita de Costa Pinto a Abdias do Nascimento: no campo dos Estudos Literários, no Brasil, a pergunta sobre “em que línguas e com que parceiros” corre o risco de se ver traduzida na alegoria do microscópio, rediviva, situados as línguas e os parceiros do único lado possível nestes termos, o lado de trás da lente de aumento. Ambas perguntas, a de Costa Pinto e a nossa, tal como formuladas, nos oferecem o risco de inviabilizar qualquer resposta distinta de uma posição natural[izada] entre sujeito e objeto e, *más allá*, de qualquer definição de sujeito capaz de compreender a quens investigamos como sujeitas(os) cognoscentes.

Nestes termos, nós cientistas literárias(os), neste estabelecimento de em que línguas e com que parceiros, podemos promover um lugar no qual compreendamos nossas(os) sujeitas(os) de investigação, mediante interpretação do *potencial epistemológico de suas obras literárias*, enquanto sujeitas(os) cognoscentes com a prerrogativa de *producción y difusión del conocimiento* em redes intelectuais; ademais, um lugar no qual nos compreendamos enquanto sujeitas(os) cognoscentes, com prerrogativas similares. Em um quadro assim exposto, a tarefa de pensar o *potencial epistemológico de obras literárias* e o *potencial epistemológico das(os) sujeitas(os) que investigamos, mediante exame de obras literárias* em rede nos possibilita a formulação de problemas modelares, a circular no interior de nossa comunidade científica, ao ler a estas intelectuais não apenas como matéria-prima mas, notadamente, como *personas productoras de ideas como interpretaciones y propuestas para sus realidades*, nos evidenciando e tomando sua agência - e *más allá*, seu devir – como categorias de análise literária y *no sólo de información*.

REFERÊNCIAS

ALVES, Alcione Correa. O paradoxo de Córdoba: sujeito cognoscente e violência epistêmica. *Cadernos de estudos culturais*, Campo Grande, MS, v. 1, p. 9-24, jan./jul. 2017. Disponível no sítio <<http://seer.ufms.br/index.php/cadec/article/view/4216>>, último acesso em 27 de abril de 2018.

_____. Teseu, o labirinto e seu nome: Ser e processo em Édouard Glissant. *Entre centros e margens: literaturas afrodescendentes da diáspora*. Organização de Elio Ferreira de Souza, Roland Walter, Alcione Correa Alves e Rosilda Alves Bezerra. Curitiba: CRV, 2014, p. 169-184.

BELAUSTEGUIGOITIA, Marisa. Descarados y deslenguadas: el cuerpo y la lengua india en los umbrales de la nación. *Debate feminista*, volumen 24, octubre 2001, p. 230-252. Disponível no sítio <http://www.debatefeminista.cieg.unam.mx/wp-content/uploads/2016/03/articulos/024_14.pdf>, último acesso em 28 de abril de 2018.

ANDRÉS, Bernard. Periferia e diferença. *Coerção e subversão: o Quebec e a América Latina – ensaios sobre a constituição das letras*. Tradução de Pascal Lelarge; revisão da tradução de Donald Schüler. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999, p. 220-224.

BARTHES, Roland. L'effet de réel. *Communications*, 11, 1968. Recherches sémiologiques le vraisemblable, p. 84-89. Disponível no sítio <http://www.persee.fr/doc/comm_0588-

²⁹ Pois, acompanhando Miñoso, “terminamos admitiendo que ‘el norte’ no es homogéneo como tampoco ‘el sur’. Tanto en un lado como en otro podemos encontrar compromisos con el pensamiento y el poder hegemónico o con su destitución” (MIÑOSO, 2014, p. 35)

[8018_1968_num_11_1_1158](#)>, último acesso em 30 de abril de 2018.

BERND, Zilá. Estudos canadenses: uma perspectiva transamericana. *Interfaces Brasil/Canadá*, Revista brasileira de estudos canadenses. Volume 11, número 1, 2011, p. 29-38. Disponível no sítio <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/article/view/7162>>, último acesso em 30 de abril de 2018.

BHABHA, Homi K. O compromisso com a teoria. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2005, 3^a. reimpressão, p. 43-69 (Coleção Humanitas).

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. Introducción: la noción “redes intelectuales” y sus significado para los estudios eidológicos y para pensar el futuro intelectual latinoamericano. *Redes intelectuales en América Latina*. Hacia la constitución de una comunidad intelectual. Santiago: IDEA-USACH, 2007, p. 29-36 (Colección Idea. Segunda Época). Disponível no sítio <http://www.cecies.org/imagenes/edicion_408.pdf>, último acesso em 29 de abril de 2018.

_____. Prefácio. *Pensamiento periférico*. Ásia-África-América Latina-Eurasia y algo más. Una tesis interpretativa global. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; IDEA-USACH, 2014, p. 12-21. Disponível no sítio <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20140217024434/PensamientoPeriferico.pdf>>, último acesso em 29 de abril de 2018.

DURÃO, Fábio Akcelrud. Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários. *DELTA* [online], 2015, vol. 31, n. spe, p. 377-390. Disponível no sítio <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502015000300015&script=sci_abstract&lng=pt>, último acesso em 21 de abril de 2018.

ECO, Umberto. Interpretação e uso dos textos. *Os limites da interpretação*. Tradução de Pérola de Carvalho; revisão de Afonso Nunes Lopes; produção de Ricardo W. Neves e Adriana Garcia. São Paulo: Perspectiva, 1995, p. 14-15 (Coleção Estudos).

_____. Interpretação e história. *Interpretação e superinterpretação*. Tradução MF.; revisão da tradução e texto final de Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2005, 2^a. edição, p. 27-51 (Tópicos).

FOKKEMA, Douwe W.; IBSCH, Elrud. A compreensão e sua validação argumentacional. Conhecimento e compromisso: uma abordagem voltada aos problemas dos estudos literários. Tradução de Sara Viola Rodrigues *et alii*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2006, p. 31-38.

GARGALLO, Francesca. La pregunta por los feminismos no-occidentales de América Latina. *Feminismos desde Abya-Yalá. Ideas y proposiciones de las mujeres de 607 pueblos en nuestra América*. Ciudad de México: Editorial Corte y Confección, 2014, p. 17-23 (El texto de la presente obra corresponde a la edición venezolana. La obra fue distinguida con Mención Honorífica del Premio Libertador al Pensamiento Crítico, Venezuela, 2013). Disponível no sítio <<http://francescagargallo.wordpress.com/>>, último acesso em 29 de abril de 2018.

_____. *Ideas feministas latinoamericanas*. Ciudad de México: Universidad Autónoma de la Ciudad de México, 2006.

GLISSANT, Édouard. *Introduction à une poétique du divers*. Paris: Gallimard, 1996.

GONZÁLEZ, Elena Palmero. Deslocamento/desplacamento. *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Zilá Bernd (organizadora). Porto Alegre: Literalis, 2010, p. 109-127.

HILL COLLINS, Patricia. Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. *Reflexões e práticas de transformação feminista*. Renata Moreno (org.). São Paulo: SOF, 2015. p. 13-42 (Coleção Cadernos Sempreviva. Série Economia e Feminismo, 4). Disponível no sítio <<http://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2016/01/reflex%C3%B5espraticasdetransforma%C3%A7%C3%A3ofeminista.pdf>>. Último acesso em 30 de abril de 2018.

hooks, bell. Intelectuais negras. *Revista Estudos feministas*, volume 3, número 2 (1995), p. 464-478. Disponível no sítio <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035>>. Último acesso em 29 de abril de 2018.

LEAL, Lana Kaíne. “De la Barbade à l'Amérique et retour”: memória, resistência e construções identitárias em diáspora no romance *Moi, Tituba sorcière...*, de Maryse Condé. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Piauí, 2016, 86f. Orientação: Prof. Dr. Alcione Correa Alves. Disponível no sítio <http://repositorio.ufpi.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/546/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Parcial_Lana%20Ka%C3%ADne%20Leal.pdf?sequence=1>. Último acesso em 29 de abril de 2018.

MBEMBE, Achille. Introdução: o devir-negro do mundo. *Crítica da razão negra*. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014, p. 9-24.

MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. Revista Crítica de Ciências Sociais. [Online], número 80, 2008, p. 5-10. Disponível no sítio <<http://rccs.revues.org/689>>. Último acesso em 29 de abril de 2018.

MIÑOSO, Yuderkis Espinosa; CORREAL, Diana Gómez; MUÑOZ, Karina Ochoa. *Tejiendo de otro modo*. Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala. Yuderkis Espinosa Miñoso, Diana Gómez Correal, Karina Ochoa Muñoz (editoras). Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2014. Disponível no sítio <[http://www2.congreso.gob.pe/sicr/cendocbib/con4_uibd.nsf/498EDAE050587536052580040076985F/\\$FILE/Tejiendo.pdf](http://www2.congreso.gob.pe/sicr/cendocbib/con4_uibd.nsf/498EDAE050587536052580040076985F/$FILE/Tejiendo.pdf)>. Último acesso em 20 de abril de 2016.

MIRANDA, Wander Melo. Projeções de um debate. *Revista brasileira de literatura comparada*, número 4. Rio de Janeiro: Abralic, 1998, p. 11-18.

KUHN, Thomas S. Prefácio. *A estrutura das revoluções científicas*. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira; revisão de Alice Kyoko Miyashiro; produção de Ricardo W. Neves e Sylvia Chamis. São Paulo: Perspectiva, 1995, 3ª edição, 2ª tiragem, p. 9-18 (Coleção Debates).

SCHMIDT, Rita Terezinha. Em busca da história não contada ou: o que acontece quando o objeto começa a falar? *Letras*, Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da UFSM, número 16, janeiro-junho 1998, p. 183-196. Disponível no sítio <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11489/6955>>, último acesso em 30 de abril de 2018.

SILVA, Maria do Desterro da Conceição. Violência-resistência em “Duzu-querença” e “Ana Davenga”, de Conceição Evaristo. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Piauí, 2017, 95f. Orientação: Prof. Dr. Alcione Correa Alves. Disponível no sítio <https://drive.google.com/drive/folders/12dtFCFkzJsfjKUAhBh_VviO7iFym8tyl>. Último acesso em 29 de abril de 2018.

SOUZA, Eneida Maria de. A Teoria em crise. *Revista brasileira de literatura comparada*, número 4. Rio de Janeiro: Abralic, 1998, p. 19-30.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: EdUFMG, 2010.

TORRES-GARCÍA, Joaquín. *Universalismo Constructivo*. Buenos Aires: Poseidón, 1941.